

INCLUSÃO ESCOLAR: O ESTUDO DE CASO DE UMA ALUNA COM PARALISIA CEREBRAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL EM BELEM-PA¹

Fernanda Larissa Oliveira Tenório (1); Raphael Augusto Ferreira dos Santos (2); Genylton Odilon Rêgo da Rocha (3)

Discente do curso de Pedagogia – Lic. e bolsista PIBID/CAPES pela Universidade Federal do Pará (1); Discente do curso de Geografia - Lic./Bach. e bolsista ProExt/MEC pela Universidade Federal do Pará (2); Coordenador do Projeto: “Projeto Interdisciplinar Formação de Professores para uma escola Inclusiva: ações colaborativas entre a universidade e escolas públicas de municípios paraenses”, pelo Grupo INCLUDERE-ICED/UFPa. Professor Doutor Associado IV da Universidade Federal do Pará, exercendo atividade de ensino, pesquisa e extensão no curso de graduação em Pedagogia, e nos Programas de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) e Enfermagem (Mestrado) (3).

Universidade Federal do Pará – fernanda_tenorio2010@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho busca analisar e discutir o estudo de caso sobre inclusão escolar de uma aluna com deficiência em uma escola municipal de ensino fundamental localizada no bairro do Tenoné, em Belém – Pa. Tal pesquisa foi realizada a partir do projeto: “Projeto Interdisciplinar Formação de Professores para uma escola Inclusiva: ações colaborativas entre a universidade e escolas públicas de municípios paraenses”, PIBID/CAPES – INCLUDERE/UFPa. Para este, utilizou-se pesquisas de cunho bibliográfico acerca dos temas: inclusão escolar e paralisia cerebral, além da observação *in locus* sobre o cotidiano escolar vivenciado pela aluna em questão na sala regular. Por fim, busca-se, não somente análise conceitual, mas o estudo de caso e apontamento da necessidade de elaboração de métodos de inclusão da referida aluna em sala de aula, possibilitando, através destes, um melhor desenvolvimento e absorção da aprendizagem por parte desta, bem como de outros que apresentam a mesma condição.

Palavras-Chave: Inclusão escolar. Paralisia cerebral. Educação inclusiva.

I. INTRODUÇÃO

O debate proposto nesse trabalho surge a partir de um diálogo entre uma aluna com paralisia cerebral em seu cotidiano escolar, do qual enfrenta dificuldades diárias no processo de aprendizagem. Partindo desse pressuposto, evidencia-se quão necessária é a formação do professor para trabalhar com alunos com deficiência, onde estes devem conhecer não só as dificuldades de aprendizagem e limitações dos alunos, mais buscar as causas e especificidades de cada deficiência permitindo-o formular maneiras para que estas possam ser compensadas. É explícita também a grande influência que o meio social tem sobre o processo de aprendizagem do aluno, por isso o professor deve estar atento ao relacionamento dos alunos com deficiência com os demais alunos e comunidade escolar, bem como estar a par das relações intrafamiliares deste aluno, como

¹ O presente trabalho é resultado de um estudo de caso em uma Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental localizada no bairro do Tenoné em Belém do Pará, realizado durante os meses de agosto de 2015 a março de 2016 através do projeto: “Projeto Interdisciplinar Formação de Professores para uma escola Inclusiva: ações colaborativas entre a universidade e escolas públicas de municípios paraenses” (PIBID/CAPES/UFPa), pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Currículo e Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão-INCLUDERE/ICED/UFPa.

instrumento para obter melhor aceitabilidade destes alunos e conseqüentemente melhores resultados em sua aprendizagem.

O estudo de caso presente neste trabalho, surge como investigação através do método de observação (LAKATOS; MARCONI, 2001) sobre o cotidiano vivenciado pela aluna em sala regular, a qual possui Paralisia Cerebral. Partindo deste ponto, objetiva-se não apenas o estudo do referente caso, mas o apontamento da necessidade de elaboração de métodos de inclusão que possam possibilitar, através destes, um melhor desenvolvimento e absorção da aprendizagem por parte desta, bem como de outros que apresentam a mesma condição.

II. BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INCLUSÃO ESCOLAR E DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Entende-se a inclusão escolar como um tema ainda complexo de aplicabilidades e compreensão, pois possui diversas formas de interpretação, neste caso acaba por possuir diversas teorias e práticas. A mesma possui como proposta o acesso de todos à educação, mas este deve ir muito além da simples inserção destes alunos há muito excluídos, não só das escolas, mas de toda a sociedade, vistos como incapazes de aprender. Para tal a comunidade escolar deve preparar-se de forma a detectar as dificuldades e limitações de cada aluno, para que a partir daí possam se tornar agentes no processo de ensino/aprendizagem, e a comunidade escolar possa estar apta e bem relacionada para melhor atender as necessidades de cada aluno.

A partir dessa vertente compreende-se inclusão escolar como a materialização do direito de todos à educação, não se restringindo apenas a pessoas com deficiência, permitindo a estas usufruir, não apenas do espaço escolar, mas de todo o processo educacional e de aprendizagem.

“[...] a escola na perspectiva inclusiva, e sua pedagogia tem como mote questionar, colocar em dúvida, contrapor-se, discutir e reconstruir as práticas que, até então, têm mantido a exclusão por instituírem uma organização dos processos de ensino e de aprendizagem incontestáveis, impostos e firmados sobre a possibilidade de exclusão dos diferentes, à medida que estes são direcionados para ambientes educacionais à parte. A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula. Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão.” (BRASIL, 2010, p.9).

A educação inclusiva, assegurada pela *Declaração de Salamanca*, pode ser entendida como a garantia dos direitos de todos à educação, onde todos devem ter acesso as escolas, partindo do pressuposto de que “(...)toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, (...)” (UNESCO, 1994). Assim, esta relaciona-se diretamente com a inclusão escolar de alunos com deficiência, pois parte do princípio da inclusão e acesso dos mesmos à educação de qualidade no ensino regular. Contudo, o que ocorre é apenas inserção destes num espaço no qual não há preparação para desenvolvê-lo a partir de suas limitações e dificuldades, o que o torna apenas um expectador do processo de ensino/aprendizagem, possibilitando apenas a este aluno a interação, boa ou ruim, com o ambiente escolar.

III. SOBRE PARALISIA CEREBRAL

Paralisia cerebral, segundo Hagberg e Col (apud ALMEIDA, 2009), é “(...) definida por um prejuízo permanente do movimento ou da postura que resulta de uma desordem encefálica não progressiva. Esta desordem pode ser causada por fatores hereditários ou eventos ocorridos durante a gravidez, parto, período neonatal ou durante os dois primeiros anos de vida. ”. A autora também trata o termo “lesão cerebral”, considerando como inadequada a utilização do termo “paralisia” como se tratando de um comprometimento geral da capacidade motora e psíquica da pessoa, ao passo que estas podem se apresentar de formas variadas. Essas lesões podem estar somadas ou não a deficiência intelectual, bem como pode apresentar níveis variados relacionados à rigidez na locomoção.

Para Leite e Prado (2004), a paralisia cerebral também é caracterizada como:

[..] um grupo de afecções permanentes do sistema nervoso central sem caráter progressivo e de instalação no período neonatal. Há várias abordagens terapêuticas com possíveis benefícios ao paciente com paralisia cerebral, porém poucas embasadas em evidências científicas indiscutíveis. A abordagem fisioterapêutica teria a finalidade de preparar a criança para uma função, manter ou aprimorar as já existentes, atuando sempre de forma a adequar a espasticidade. Entretanto, o prognóstico da paralisia cerebral depende evidentemente do grau de dificuldade motora, da intensidade de retrações e deformidades esqueléticas e da disponibilidade e qualidade da reabilitação. (2004, p.01)

O diagnóstico precoce e os cuidados com a criança são muito importantes para que esta se desenvolva, de acordo com suas limitações e se torne mais receptiva às interações do cotidiano, e conseqüentemente, refletindo-se no processo de ensino/aprendizagem. O trabalho conjunto da família com os médicos é de suma importância, à medida que vai possibilitando um maior conhecimento sobre a deficiência e das formas de aprimoramento da mesma.

A colaboração dos pais / família no tratamento é indispensável. Quando se lida com uma criança com P.C. apercebemo-nos de uma variedade de problemas, tais como: não segurar a cabeça, não se manter sentada, não andar ou então mover-se de uma forma descontrolada e insegura. É por isso importante, movimentar a criança devagar, dando-lhe oportunidade de se ajustar às mudanças de posição. Os terapeutas, fisioterapeuta / terapeuta ocupacional, vão no decorrer dos tratamentos, ajudar os pais a compreender melhor os problemas do seu filho e lidar com ele de uma forma mais adequada. (Sociedade Portuguesa de Neuropediatria, 2011).

IV. RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A ALUNA

A Escola Municipal Professor Paulo Freire na qual este estudo de caso foi desenvolvido está localizada em um bairro periférico da cidade de Belém, e possui ensino infantil e fundamental baseado no sistema de ciclos, projeto que visa a melhoria da educação pelo método de não reprovação dos alunos, contudo o desestímulo e pouca formação dos professores sobre este podem fazer com que os alunos passem por esse processo sem absorver os conhecimentos necessários, principalmente em se falando de alunos com algum tipo de deficiência, neste caso com paralisia cerebral.

“(...) a proposta de ciclo representava (e continua representando) uma possibilidade concreta de superar a injustiça do "tudo ou nada" encarnada no sistema seriado em que o que conta no final do ano letivo, no momento da promoção/retenção, não é o quanto o aluno aprendeu considerando ao mesmo tempo o que sabia de início e os objetivos de aprendizagem colocados para a série, mas apenas o quanto ele aprendeu, ou não, considerando exclusivamente os objetivos propostos. E, de certa forma, a organização da escolaridade em ciclos é também uma forma indireta de combater a evasão: como sabemos, a retenção é a grande vilã da evasão escolar, porque atesta institucionalmente um fracasso que seria do aluno.” (BRASIL, 2001).

A estrutura da escola conta com 11 salas para o ensino regular e EJA, 1 sala de informática, 1 biblioteca, 1 secretaria, 1 diretoria, 1 sala de coordenação, 1 sala de professores, 1 quadra de esportes, 1 copa e cozinha, 1 refeitório aberto, 2 banheiros (masculino e feminino) para alunos, 2 banheiros (masculino e feminino) para professores e administrativo, 2 banheiros (masculino e feminino) para o pessoal de apoio, 761 alunos nos três turnos semanais, que deste total 29 apresentam algum tipo de deficiência, para tal a escola conta também com uma sala de atendimento educacional especializado na qual destes, apenas 26 são atendidos. Sendo sua estrutura física adaptada para a locomoção de tais alunos.

A aluna acompanhada tem 10 anos de idade, está cursando o ciclo II 3º ano e possui paralisia cerebral, contudo apresenta a deficiência num grau pouco elevado, devido tal condição a aluna

demonstra dificuldades de locomoção devido à rigidez dos músculos, baixa visão, comportamentos agressivos devido o desconhecimento de sua deficiência por parte dos colegas o que se reflete em rejeição da aluna por parte deles, levando-a a buscar formas de interagir com estes; apesar de ter dificuldades na fala, a aluna tem boa comunicação com a comunidade escolar, conseguindo assim expor, através da fala, seus desejos, relacionado ao processo de aprendizagem a aluna apresenta desinteresse pelos conteúdos, dificuldade de concentração e de interpretação textual, pois as aulas não são adaptadas, causando cansaço e falta de entendimento a ela.

Com decorrer do projeto a aluna melhorou sua interação com os colegas de sala, bem como com a comunidade escolar e sua coordenação motora melhorou bastante, diminuindo o incidente de quedas e hematomas; a aluna também avançou no desenvolvimento da escrita e da leitura em letra bastão, porém pouco desenvolvida pela professora regular.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criar mecanismos para a inclusão de alunos com paralisia cerebral mostra-se uma tarefa complexa, pois exige preparo, estudos, pesquisas, mais acima de tudo é necessário interesse e criatividade por parte dos professores, para que assim os alunos possam ser realmente incluídos e não apenas inseridos nas escolas.

Aos portadores de paralisia cerebral, bem como a todos, é garantido o direito de acesso à educação, contudo esse acesso dá-se somente de forma parcial, onde os alunos estão presentes em salas de aula, mas não aprendem, onde têm a oportunidade de relacionarem-se com os outros, mas não são desenvolvidos de acordo com suas necessidades e limitações para receber os mesmos conhecimentos que os demais alunos.

Na condição de pedagogo e educador, deve-se desempenhar o papel de levar conhecimentos a todos, independentemente de suas condições físicas ou intelectuais, de sua classe social, raça ou credos. Deve-se assumir um compromisso com cada um, para que se desenvolvam cidadãos completos, aptos a contribuir com a sociedade, seja em qual for a carreira, seus direitos devem ser assegurados e juntamente com o ensinar conteúdo, possa-se estar aprendendo também com esses alunos, aprendendo com as suas experiências e superações e que essa troca de conhecimentos e aprendizados enriqueça professores, alunos e comunidade escolar com os sentimentos de respeito e altruísmo pelo outro, possibilitando, assim, a inclusão em seu sentido real.

“(…) só será possível se o educador tiver o espírito da busca: busca de conhecimentos com o objetivo de criar, recriar, planejar, replanejar, descobrir, experimentar, provar e ensinar. Não apenas seguir receitas, mas modificá-las e adaptá-las de acordo com a sua realidade. Mudar sua práxis tantas vezes quantas forem necessárias, sempre almejando o melhor para o grupo. Acreditar no que faz e, principalmente, acreditar no potencial dos seus educandos.” (HOFFMANN, p.14).

Pesquisas e desenvolvimento de mecanismos acerca da temática inclusão estão avançando, contudo muito ainda deve ser feito, pois esta não pode estar presente só nas pesquisas e trabalhos na área, deve consumir-se na prática dos docentes, preocupando-se realmente com as especificidades de cada aluno, levando também para as famílias informações necessárias para que o processo de inclusão ocorra de forma completa e efetiva.

VI. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. B. **O que é paralisia cerebral**. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.4mg.com/artigo3.html>. Acesso em: 15/05/2016.

BRASIL, Ministério da Educação, **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A Escola Comum Inclusiva**. Coleção: A educação escolar na perspectiva da inclusão escolar. DF, Brasília, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7103-fasciculo-1-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05/04/2016.

_____, Ministério da Educação, **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores: documento de apresentação**. DF, Brasília, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/apres.pdf>. Acessado em: 03/03/2016.

HOFFMANN, Ruth Anklam, TAFNER, Malcon Anderson, FISCHER Julianne. **Paralisia Cerebral e Aprendizagem: Um Estudo de Caso Inserido no Ensino Regular**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação Psicopedagogia. Santa Catarina, 2003. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-12.pdf>. Acesso em 13/04/2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M de A. Fundamentos de metodologia científica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, J. M. R. S.; PRADO, G. F. do, **Paralisia cerebral Aspectos Fisioterapêuticos e Clínicos**. Revista Neurociências. SP, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.fisioterapia.com/public/files/artigo/artigo37_1.pdf. Acesso em: 13/04/2016.